

I

Brandão e a ideia de Natureza

Este estudo tem como objectivo central e geral, mostrar a influência filosófica grega, em particular, as matrizes pré-socráticas na obra '*As Ilhas Desconhecidas*' do escritor novecentista português, **RAUL GERMANO BRANDÃO (1867-1930)**. Essas matrizes centram-se especificamente no conceito clássico de '*Natureza*', ou '*Phýsis*'.

Em primeiro lugar, a expressão *Natureza* (do latim: *natura, naturam, naturea ou naturae*) aplica-se a tudo aquilo que tem como característica fundamental o facto de ser natural, ou seja, envolver todo o ambiente existente, micro e macrocósmico. Desta noção conceptual, surge o seu significado mais amplo - a de que a Natureza corresponde à *substância física da qual eram feitas todas as coisas* - mundo material - e, correlativamente, ao Universo físico em que toda a sua matéria e energia, inseridas num processo dinâmico que lhes é próprio e cujo funcionamento segue regras próprias.

Todavia, longe de querer tratar exaustivamente a temática da Natureza sob um ponto de vista filosófico-literário, que perpassa o conjunto das suas obras e aprofundá-las, consideramos aqui apenas aquela que, a nosso ver, melhor manifesta e corporiza a *matriz herdada da Antiga Grécia*, nomeadamente sob uma dupla perspectiva, a saber,

- a) A perspectiva da *matriz cosmológica* dos autores pré-socráticos, nomeadamente **Tales e Anaximandro**, cujos princípios originários e fundantes do cosmos (a **arché**), se identificam com a **água** e com o **infinito** (o **apeiron**), respectivamente.
- b) A perspectiva da *matriz metafísica* de **Heraclito de Éfeso**, cujo fundamento originário se identifica na complementaridade da **unidade cósmica** (Fogo/Logos), isto é, da relação entre o Visível e o Invisível.

Esta dupla interpretação, a qual não é distinta mas interdependente na sua íntima articulação, centrar-se-á, única e exclusivamente na obra '**AS ILHAS DESCONHECIDAS**', um livro de viagens e memórias a terras açoreanas que descreve o sentimento brandoniano da existência, adiante designada por *ID*. Foi escrita em 1926.

O que é particularmente significativo e original, é que nesta obra se manifesta uma clara matriz pré-socrática, cujos vectores se reportam a aspectos de ordem **cosmológica e filosófica**. Visaremos com este trabalho, mostrar a interpenetração temática dos conceitos de '*Sentidos*', '*Observação*', '*Arché*,' '*Logos*' e '*Devir*', como **conceitos estruturantes** na ideia de Natureza tal como é entendida por Raul Brandão.

Centraremos, como se referiu antes, a abordagem na ideia de que é a partir da observação e do privilegiar dos *sentidos*, que se pode entender e apreender o significado da *beleza cósmica* (*Ser*) e a *força* a ele associada (*Logos*). As notas de rodapé serão omitidas, sendo as mesmas referenciadas ao longo do texto, e na sua sequência própria. Cremos que assim, a sequência, fluidez e compreensão do trabalho ficam mais salvaguardadas.

Por outro lado, e atendendo à natureza pessoal e interpretativa deste trabalho, refiro na bibliografia, apenas as obras que foram imprescindíveis na sua feitura, e que foram efectivamente (integral ou parcialmente) consultadas.

II

A Matriz Cosmológica - a Ideia de Natureza e o Espanto Estético-Afectivo em Raul Brandão

As *figuras paradigmáticas* com que aqui parto, na abordagem da ideia de Natureza em Brandão, são essencialmente duas - **Tales de Mileto** e **Anaximandro de Mileto**, os primeiros dois filósofos 'vitalistas' que ilustraram a nossa história ocidental.

Tales de Mileto foi, efectivamente, o primeiro filósofo ocidental de que se tem notícia. Constituiu-se como o marco inicial da filosofia ocidental. De ascendência fenícia, nasceu em Mileto, antiga colónia grega, na Ásia Menor, actual Turquia, por volta de 624/625 a.C. e faleceu, segundo se consta em 556 a.C. Este grande iniciador da época cosmológica grega é apontado como um dos sete sábios da Grécia Antiga. Além disso, foi o fundador da Escola Jónica partindo da ideia básica da *água* como sendo a origem de todas as coisas (*arché*). E os seus seguidores, embora discordassem quanto à “*substância primordial*” (que constituía a essência do universo), concordavam com ele no que dizia respeito à existência de um “*princípio único*” para essa natureza viva e primordial, dotada de movimento e dinamismo. (*‘physis’*).

Relativamente a *Anaximandro de Mileto* (609/610 a.C. - c. 546 a.C.), foi igualmente um filósofo pré-socrático. Discípulo de Tales, foi uma figura culturalmente polivalente - geógrafo, matemático, astrónomo e político, como aliás quase todas as figuras do mundo clássico.

Os relatos doxográficos dizem-nos que escreveu um livro intitulado “*Sobre a Natureza*”; contudo, infelizmente, esse livro não pode ser comprovado, fazendo fé, apenas, nos relatos de figuras como Aristóteles e Teofrasto. Atribui-se a Anaximandro a feitura de um mapa do mundo habitado, a introdução na Grécia do uso do *Gnómon* (relógio solar) e a medição das distâncias entre as estrelas e o cálculo de sua magnitude (é o iniciador da astronomia grega).

Anaximandro acreditava que o princípio de tudo era algo a que deu o nome de chamada *Apeiron*, o qual se caracteriza pela sua não-limitação ou infinitude tanto no sentido quantitativo (externa e espacialmente), quanto no qualitativo (internamente). Esse *Apeiron* é algo indefinido e imortal, sendo também um ‘juíz’ que ordena, organiza e manifesta o próprio *acontecer* das coisas.

Raul Brandão, ao reconhecer que,

“(...) tenho uma alegria frenética. Tudo isto, todo este azul, toda esta frescura, me entra em jorro pelos olhos dentro e pela alma dentro. A tinta azul não só ondula – estremece em pequenos grãos vivos, dum acção extraordinária, e o mundo sempre novo que me rodeia penetra-me do seu bafo e comunica-me a sua vida” (ID,p.32),

também manifesta a sua visão global e ao mesmo tempo, cosmológica, viva, dinâmica e ‘divinizada’, de natureza, semelhante à concepção dos primeiros pré-socráticos.

A ideia de natureza em Raul Brandão, não é, exactamente, algo de objectivável. Isto é, não é redutível a uma visão ou explanação coerente e coordenada segundo a razão. A Natureza é, antes do mais, um *princípio vivencial*, pleno de dinamismo, que subjaz como realidade inalienável à necessidade de realização existencial e concreta.

A Natureza é assim considerada como *instância originária* ontologicamente fundante na esteira da tradição pré-socrática. É, pois, um princípio engendrante ou vital, uma espécie de ‘natura naturans’ ou ‘substractum’ universal, à maneira do que consideravam os primeiros pensadores gregos, os pré-socráticos, em particular, Tales e Anaximandro, como já referi antes.

Nas obras de Brandão, surge-nos um desdobramento, uma diversificação e autonomização de ‘naturezas’, as quais são imagens de uma única Natureza – o Ser, a Totalidade e Origem de Tudo. Curiosamente, esta perspectiva pré-socrática já se encontra referenciada por três vezes na *Iliada*, de Homero nos seus cantos ou livros XIII (*Combate junto dos navios*) e XIV (*Zeus ludibriado*), no primeiro quando se faz eco a Poseidon, o *Sacudidor da Terra* (na perspectiva da água como matriz essencial das coisas) e no segundo, quando Hera consegue seduzir e adormecer Zeus, de modo a desviar as suas atenções do campo de batalha para que Poséidon pudesse socorrer os Aqueus.

Heraclito afirma:

“(...) Pois vou visitar, nos confins da terra nutridora, o **Oceano, origem dos deuses e Tétis mãe deles(...)**”

e mais adiante ainda, quando diz ao Sono:

“(...)eu adormeceria facilmente qualquer outro dos deuses eternos, mesmo o **curso do rio Oceano, origem de todas as coisas(...)**”.

Por esta razão, embora não desenvolvendo uma teoria ou ideologia propriamente naturalistas conforme o carácter fragmentário, assistemático e paradoxal do seu discurso, aliás muito próximo do estilo do filosofar heraclítico, Raul Brandão não deixa de tomar a natureza como símbolo de uma *totalidade concreta e dinâmica*, cuja eficácia e ordem últimas se metamorfoseiam numa *dialéctica dos sentidos (movimento) e da razão (sentimento/pensamento)*, através da **angústia** que o movimento do barco navegando sob as águas revoltas do Atlântico, comporta:

“É a impressão de nos sentirmos ser menos que nada nas entranhas do monstro enovelado, do monstro vivo que se põe a gritar de dor no meio do oceano e que segue a sua rota rasgando-se e dilacerando-se(...)” (ID,p.142)

Curiosamente, a imagem do barco é também expressa por Séneca em *Questiones Naturales, III, 14* quando afirma que

“(...) ele, Tales, diz que a orbe das terras é sustida pela água e se desloca como um barco e que quando se diz que “**ele treme**”, efectivamente **baloiça** devido ao movimento da água.”

Por isso os paradoxos da sua linguagem são afinal a marca dessa estreita e desconhecida comunhão ‘clássica’, cujo sentido nos aponta para a ideia de que o que interessa não são as palavras, mas a apreensão imediata das coisas no fulgor da sua *intuitividade*, semelhante ao movimento infinito da água. Daí o *Espanto* e a *Curiosidade* de que o autor faz eco constante, na descrição das suas viagens por terras açoreanas, ao deparar-se com uma natureza tão bela, voluptuosa, deslumbrante e sugestiva, expressa pelo atractivo tom azulado do céu como a que transmitir-nos a estética fresquidão e naturalidade da existência:

“Mas de estonteado já não reparo senão no azul que me deslumbra, em todos os tons de azul que me entram pelos olhos, o azul ferrete das hortenses – o azul que enche a terra e nunca mais acaba e que é talvez o verdadeiro céu dos Açores(...) Uma impressão de volúpia e frescura – tinta imóvel e viva que me atrai” (ID,p.86)

Esta imagem de natureza encantadora, plena de luz e cor, mas imprecisa e quase irreduzível à objectivação, patenteia um conceito tipicamente grego de cifra, ideal ou **instância aferidora de ordem** – o **Logos**, o que se pode compreender e sentir a partir de um sentimento de *espanto estético-afectivo* na sua imediata aparência natural.

Pode dizer-se que esta ideia de natureza como ‘substância’, apreensível estético-afectivamente, acaba por funcionar como um espaço de ‘consolação’ e ‘grandeza’ à angústia e ao desespero perante a tragicidade do nada que é a morte!

Também em ‘*Os Pescadores*’ (p.107) e através da metáfora ou realidade do viver que é o *mar*, Brandão expressa todo o encanto, toda a harmonia, toda a riqueza heterodoxa e indefinida que a natureza material e física lhe oferece quando afirma:

“O mar às vezes parece um véu diáfano, outras pó verde. Às vezes é dum azul transparente, outras cobalto. Ou não tem consistência e é céu, ou é confusão e cólera.de

manhã desvanece-se, de tarde sonha. E há dias de nevoeiro em que ele é extraordinário, quando a névoa espessa pouco a pouco se adelgaça e surge atrás da última cortina vaporosa, todo verde, dum verde que apetece respirar. Diferentes verdes boiam na água, esbranquiçados, transparentes, escuros, quase negros, misturados com restos de onda que se desfaz e redemoinha até ao longe. E ainda outros azulados, com a cor das podridões. Tudo isto graduado e dependendo do céu, da hora e das marés. Há momentos em que me julgo metido dentro duma esmeralda, e depois, numa jóia esplêndida, dum azul único que se incendeia. Mas a luz morre, e a luz agonizando exala-se como um perfume, è uma grande flor que desfalece. O doirado não é simplesmente doirado, nem o verde simplesmente verde: possuem uma alma delicada e extática.”

Nesta extraordinária descrição, feita simultaneamente de apurado sentido afectivo e belo contemplar estético, podemos perceber o quanto de espírito clássico aqui se encontra patente. O ‘olhar’ é o órgão libertador de uma relação inautêntica onde as palavras e os conceitos não são mais que simulacros passivos e inertes. O olhar funciona como uma *descoberta* que remete para uma coisa mais profunda que é o do sentido da existência do cosmos, em geral, e do próprio homem, em particular.

Em primeiro lugar o valorizar e o divinizar da natureza física, pela *água*, fonte e origem do nosso ser e da nossa existência, como já havia dito o famoso Tales!

Brandão é claro quando diz:

“Vêm (cores) todas do oceano glacial como se viessem da fonte da vida” (ID,p.107)

A *água*, pelo Oceano, ocupa, pois, o espaço determinante do seu pensar. Essa água que já Tales tinha destacado e divinizado como **essência e ‘arché’ do cosmos e do universo**. Essa água é pois, o substracto originário da nossa existência e da vida universal.

Como Brandão também afirma:

“O mar é a vida –mas o mar é também a imagem da realidade ou do inferno que é tudo a mesma coisa” (ID,p.144).

Depois, a valorização do nosso sentir, essa captação imediata que os sentidos, nomeadamente do ver e do cheirar, conseguem extrair do fluxo constante do ser, feitas de *amor e curiosidade existenciais*.

E finalmente, a passagem dos sentidos à onnipresença da razão, ao derivar da transformação daquilo que é presente aos sentidos, para uma *necessidade de ordem mais profunda*, um sentido mais ‘divino’ para a captação do sentido radical das coisas – que é o *Logos*, supremo deus onde tudo pousa e que tudo pode.

A Natureza, é deste modo, a imagem do *autêntico ser das coisas*, e o cenário onde o ‘divino’ se patenteia ao humano, pelo seu supremo poder, actividade e potência que nos atrai e arrebate física e ontologicamente, como Brandão refere efusivamente:

“Essa coisa monstruosa revela uma vida própria, uma inteligência, uma astúcia como se nela pairasse o espírito do mal(...)” (ID,p.141).

Deste modo, antes de qualquer preocupação filosófica e moral, o que Brandão nos mostra é um forte sentimento de *contemplação* face ao grandioso espectáculo natural, cuja policromia e ‘sageza’ se salienta de um modo expressivo. Há como que constantes e deslumbrantes *jogos de luz e cor* que correspondem ao *perpétuo fluir*, esse *vai-e-vem universal* do cosmos, que transmite ao ‘eu’ uma indesmentível verdade e felicidade naturais.

Contemplando o mundo, Brandão considera que estamos a contemplar a nossa própria felicidade e essência mais profunda. Isto lembra-me a passagem de *Alberto Caeiro* / *Fernando Pessoa* no já célebre ‘*O Guardador de Rebanhos*’ (1912) quando afirmava:

“Sou um guardador de rebanhos
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.
Pensar uma flor è vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.
Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade
Sei a verdade e sou feliz.”

Assim, e paralelamente a este sentir pessoano, bem expresso na singeleza dos conceitos, mas feito de intensidade emocional, Raul Brandão encara a Natureza como o símbolo da *Verdade*. Pela *beleza*, pela *harmonia*, pelo contraste sempre novo dos seus tons, ela é, afinal, o corpo da Verdade, o sentido do Ser, a fonte da Vida cósmica!

Os Açores, na altura (princípios de século) um local distante e difícil de visitar, pela imensidão do oceano a vencer, são, deste modo, o cenário natural e a imagem desse Ser longínquo mas ao mesmo tempo omnipresente, ou Verdade (binómio luz+cor), o qual nos envolve *extaticamente* perante a sua grandeza, mas também o seu terror e poder:

“É aqui que a luz dos Açores atinge talvez a perfeição. Nada que a distraia – só o mesmo tom no vasto quadro feito com a mesma cor, variada até ao infinito em nuances delicadas” (ID,p.100).

Este ‘vasto quadro feito com a mesma cor’, é, sem dúvida, a imagem de marca que Brandão nos quer presentear, indo buscar a Anaximandro o núcleo cosmológico de que precisava – a ideia básica de **indefinido, infinito!**

Anaximandro foi provavelmente um dos primeiros ‘físicos’ pré-socráticos a utilizar o termo ‘arqué’ como sinónimo de ‘substância originária’. Identificou-a ,então, como ‘matriz infinita’, de carácter divino ,indefinido e indestrutível. É esta também a ideia do próprio Aristóteles na ‘*Física*’, L4,203 b7,em que a apresenta, em abono de Anaximandro, lembrando:

“(...) não há princípios do infinito...mas é ele que parece ser o princípio das outras coisas, e envolvê-las e dirigi-las a todas elas, conforme dizem todos os que não admitem outras coisas, como a inteligência ou o amor, acima e além do infinito. E é isto o ‘divino’, por ser imortal e indestrutível, como dizem Anaximandro e a maioria dos fisiólogos.”

Estamos claramente perante um ‘recuperar’ de um sentido de natureza pré-socrática, revestido de um sinal cristão e humanista, cujo vector aponta para a importância do *Ser e do Infinito*, em contraste com a limitação, a angústia e a finitude do Homem, feitos de drama e tragicidade no seu viver.

III

A Matriz Metafísica - a Natureza como ideia fundante e aferidora da ordem cósmica

Heraclito de Éfeso (540 a.C. - 470 a.C.) foi um filósofo pré-socrático, e recebeu o cognome de "pai da dialética".

Problematizou a questão do devir (mudança) e recebeu a alcunha de "*O Obscuro*", pois desprezava o vulgo, recusando-se a participar na vida política (que era essencial aos gregos), e tinha também desprezo pelos poetas, filósofos e pela religião, em geral! A sua alcunha derivou principalmente do livro por si escrito ('*Sobre a Natureza*'), o qual escreveu num estilo deveras obscuro e enigmático. Heraclito definiu, partindo de seus pressupostos (o "*panta rhei*" e a guerra entre os contrários) uma *arché*, um princípio de todas as coisas, o qual personificou na figura material do fogo. O *Fogo* é, assim, uma espécie de 'matéria arquetípica' estritamente ligada com a 'psyché', a 'dynamis' e com a vida, no seu todo.

Para ele,

*"todas as coisas são uma troca permanente
do fogo, e o fogo, uma troca permanente de todas as coisas, assim como o ouro é uma troca
de todas as mercadorias e todas as mercadorias são uma troca do ouro"*,

ou seja, todas as coisas transformam-se em fogo, e o fogo transforma-se em todas as coisas, através do *Logos*, seu guia divino, autêntico princípio subjacente e organizador do 'kosmos'.

Dos seus escritos restaram poucos fragmentos, só encontrados em obras posteriores, e que geraram grande número de obras e análises explicativas.

O amor sensista de uma natureza inteligente e natural, por parte de Raul Brandão, assemelha-se, de facto, ao *Logos heraclitiano*, cujo operar simbólico e captável pelos sentidos é o espelho das suas perfeições e do nosso inevitável reconhecimento do 'Sinto, logo existo'. A visão clássica da natureza natural, móvel e dinâmica corporizada na metáfora da *luz*, radica nessa essência figurativa, apreendida estético-afectivamente pelos sentidos no ecoar do Devir e no absurdo do Nada.

Manifestando algumas matrizes heraclitianas, também para Raul Brandão, o sentido último do Ser é qualquer coisa que se assemelha ao *Logos*, como sentido de *Razão de Tudo ou Unidade*, que é a *força motriz e criadora da mudança*, ou devir. Também para Raul Brandão, a imagem Natureza comporta uma forma de organização absolutamente sábia, uma força activa vivificante, que só pode encerrar uma *dimensão intelectual, universal e divina*. Ela é, pois, a imagem de Deus!

Refere Brandão que,

*"(...) sempre cuspiendo-nos dor e negrume- sempre em corropio e levando-nos já
transfigurados e sem corpos, para o eterno movimento universal – redemoinhando
sempre, redemoinhando por toda a eternidade"* (ID,p.142).

Há como que uma cosmologia (pan) vitalista, em que se explica o carácter de **transformabilidade** e universalidade das coisas e dos seres como a própria **lei da Vida**, ou **Justiça Cósmica**. Esta exige uma lógica suprema de *harmonia, estabilidade e solidez*, não significando passividade ou mesmidade, antes uma finalidade própria, um 'telos':

"As grandes paisagens que morrem a alguma parte hão-de ir" (ID,p.128).

A luta dos contrários constitui-se como um 'mal' necessário, simbolizado pela imagem física do 'fogo' nos seus diferentes estados, e que tudo leva, tudo derruba, de um modo aparentemente anárquico, mas afinal de contas, inteligente. Fazendo um paralelismo entre a *engrenagem (Logos)* da natureza com o '*maquinismo do navio (Fogo)* em que viaja, Raul Brandão afirma,

“Este complicado maquinismo ilumina o barco, transforma a água e faz mover as hélices.(...) Mas a alma do transporte é o fogo. É o fogo que faz girar os dois grandes veios de aço, que atravessam o barco em toda a sua extensão até às hélices” (ID,p.33).

O Logos é, no entender de Heraclito, a fórmula unificadora ou método proporcionado de disposição das coisas – ou seja, o **plano estrutural e divino das coisas**. Está associado à ideia de ‘movimento’, ‘cálculo’, ‘proporção’. Apesar da aparente dispersão e diferença, as coisas estão realmente unidas num complexo **coerente e divino**, e **equilibram-se** contínua e reciprocamente numa unidade superior. Também para Brandão, o rosto de uma natureza material mas inteligente, é desenvolvida em imagens expressivas e figurativas de um simbolismo de comunhão instintivo e sensista, constituindo como que um círculo (Vida/Fantasmagoria; Beleza/Cores; Sonho/Luz; Verdade/Felicidade). Esta ‘inteligência de medida’ é imanente às coisas como um deus – o Logos – garante da mudança e dinamismo cósmico, proporcional e equilibrado (coerência e unidade).

Raul Brandão considera que não é pelo conhecimento integral, conceptual, teórico, intelectualista que podemos compreender o real sentido da Vida, do Ser, ou de Deus, mas é tão só a partir do ‘conhecimento’, do ‘sentir’ da Natureza ‘in aenigmate’, que implica uma *ordem substancial e fundante* e uma *‘inteligência oculta’*, que o Homem pode verdadeiramente alcançar o seu sentido mais completo e radical, tornando-se um autêntico ‘descobridor da natureza’.

Tal como afirmava *Alberto Caeiro* quando dizia:

*“Ainda assim, sou alguém.
Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele próprio.”*

O instrumento de descoberta é, como não podia deixar de ser, o **barco**, correlativo à ideia jónica de água. Barco fonte de tantas e tão intensas expressões clássicas, barco esse que Brandão também utiliza como instrumento de descoberta dessa natureza física e ontologicamente fundante em *‘As Ilhas Desconhecidas’*, permitindo-lhe a navegação plena dos sentidos e o captar profundo dessa essência oculta mas manifestável pela constante e harmónica mudança e pelo *perpétuo fluir* das sensações de cor, luz e som que se vão fazendo eco no seu espírito!

Na sua outra obra emblemática que se reportam a esta natureza sensível (*‘Os Pescadores’*), que é o acontecer do mundo, Brandão capta uma natureza sensista, fenoménica e paisagista com a criatividade de um artista e os olhos de um pintor, e expressa-a sob um ponto de vista moral a realidade como sinónimo de dor e sofrimento, visando alcançar a compreensão do logos inerente a ela, como uma espécie de ascensão última a um estado final de conhecimento e liberdade.

Por outro lado, esta ideia de ‘vinculum substantiale’ é captado não pelo abandono do humano, mas, pelo contrário, pela própria intimidade do sentimento de inquietação existencial que se constitui como a cifra da nossa limitação e que é também uma indelével marca clássica – o sentimento de *brevidade e efemeridade da vida*, realçando o nosso carácter de *angústia e finitude*.

Viver é sempre *drama*, algo que nos potencia o bom, o maravilhoso, a beleza, mas também o que há de terrível, angustiante e horrendo no acontecer histórico, ou seja, o absurdo da *morte*.

Estamos perante uma autêntica **filosofia da ‘consciência inquieta’**, uma consciência que se interroga a si própria através do espanto natural do existir e que se perpetua num impulso indizível para a unidade do ser, como sentido e finalidade cósmicas.

Como diz o aforismo *‘natura tendit in Deum’*, aqui considerando o Ser ou Deus como o próprio *Logos* cósmico.

IV

A conjugação das duas matrizes clássicas – síntese e notas finais

Por tudo o que referi anteriormente, podemos dizer que a atitude contemplativa, sensorial e impressionista face à ideia de Natureza em *Raul Brandão*, e em especial, na sua obra '*As Ilhas Desconhecidas*' resume-se aos seguintes seis vectores:

a) O *instintivo apelo da Natureza fisicista*, como cenário simples e imediato do existir, autêntica mãe divinizada e protectora, sentido profundamente e corporizado num simples livro de notas em viagem, para os Açores, a que deu o nome de '*As Ilhas Desconhecidas - Notas e paisagens*'. Nele se protagoniza o panvitalismo de uma natureza que se expressa esteticamente nm trinómio Paisagem/Luz/Cor, ou se preferirmos, numa policromia Cinzento/Azul/Verde!

b) A *emoção bruta do apelo do mar*, feito de *água*, movimento simultaneamente belo mas também horrendo e tenebroso e que (re)lembra a sua importância como 'arché' fundante e geradora do Cosmos, na tradição cosmológica pré-socrática e de Tales, em particular, e certamente antes, por volta de 725 A .C., como o prova a *Ilíada*, de Homero onde as referências ao *Oceano* são patentes.

c) A valorização da *subjectividade intuitiva* no espaço psíquico e intimista que é o 'eu do autor, que capta o movimento e a transformação como manifestações diferentes, mas não contrárias, de uma mesma necessidade e realidade – o *Devir*. Devir este guiado por uma 'inteligência divina' e sábia (o **Logos**).

d) A *captação do Devir*, através do infinito, do irrepetível e do momentâneo, numa quase apoteótica fotolatria de cor e luz, cujo 'eu' do autor se manifesta afectivamente como um 'pintor de memórias', fazendo da luz um deus e da água um desejo. Através deles, percebe o *instante fugaz* que vai passando, transformando, mudando e modelando a eternidade, sem contudo se desligar do seu carácter divino. A ideia clássica de *efemeridade e brevidade* da Vida, consubstanciadas num apelo e desejo de felicidade ('*carpe diem*'), encontra-se bem patente!

e) A utilização da reiteração (som) e transparência (luz) na linguagem, como forma de reforço impressionista desse seu ver subtil, quase infinitesimal que visa mostrar que no Cosmos há como que uma *ordem suprema* – feita de *Unidade*, mas também de *luta*, a qual se expressa na força motriz do *Devir* que tudo integra e tudo exclui. Podemos encara aqui, igualmente, aquela tão cara ideia clássica da *fatalidade* ou *destino* (a '*Moirá*')!

f) A crença na linguagem simples e sensitiva como porta aberta á *Unidade de tudo o que existe* e à *Verdade*. Esta Verdade que se esconde na subjectividade das aparências imediatas.

Por tudo isto, considero efectiva e consistente, a inserção de uma matriz clássica, pré-socrática, na obra de Raul Brandão. Uma matriz profunda que não se esgota na sua linguagem dos sentidos, directa, objectiva e imediata, mas se enraíza num profundo significado cosmológico e filosófico.